

Introdução

O tempo em que vivemos é marcado por acontecimentos que levam o homem a se indagar sobre o sentido mais profundo de sua existência. Podemos dizer que vivemos uma crise multidimensional: a ameaça de novas guerras, a degradação ecológica, a atuação da engenharia genética na natureza, inclusive na vida humana, são alguns aspectos do crescimento estupendo do progresso técnico-científico que revelam quão desgastados estão os preceitos éticos essenciais da vida humana, assinalando a necessidade de renovar o pensar filosófico em busca dos fundamentos de uma ética contemporânea.

Nessa perspectiva, justifica-se o interesse pelas reflexões éticas como uma tentativa de resposta à crise de valores que nossa civilização atravessa, como bem contextualiza Lima Vaz. Para ele, essa crise se deve à situação paradoxal vivenciada pelo homem de hoje: na medida em que construiu o seu mundo, o mundo da cultura, sente-se abalado, submerso no meio de seu próprio produto. Com a enxurrada dos bens materiais e simbólicos provenientes do avanço tecnológico, subverteu-se a hierarquia dos valores duramente conquistados ao longo da História, o que constitui ameaça à razão última do existir

propriamente humano¹. Nas palavras de Jacqueline Russ, “a ética, reivindicada em toda parte, ancora dificilmente suas normas e valores em um lugar que os funde e os justifique. (...). Nosso tempo, ávido de teorização ética, vive, contudo, sob o signo de uma ética frequentemente problemática”². O próprio conceito tradicional de história e de ética estão estremecidos, como nos diz Loparic. Noções como as do dever e do agir também estão abaladas. “Hoje, o dever virou sinônimo de obediência à realidade dos fatos e aos acordos sociais, perdendo o sentido nobre de moralidade incondicional ou de compromisso histórico inarredável. Agir não significa mais ‘fazer o bem’ ou ‘fazer história’, mas, de maneira crescente, *agir planejadamente*”³, agir de modo a vigorar a ética da perfectibilidade dos empreendimentos tecnológicos, aderida ao manto do infinitismo metafísico sob o qual o homem ocidental se recobre na busca de amparo à sua condição de ente finito que é, e como tal, marcado, em sua existência, *pela falta, pela particularidade e pela transitoriedade* – características de um modo de ser contingente⁴.

Considerado o “filósofo da finitude”, Heidegger é um dos pensadores contemporâneos que mais se preocupou com os rumos tomados pela civilização ocidental. Numa passagem importante da carta *Sobre o Humanismo (Über den Humanismus, 1947)*, ele narra que após a publicação de *Ser e tempo (Sein und Zeit, 1927)*, alguém lhe dirige uma pergunta que se tornou posteriormente muito famosa: “Quando escreverá o senhor uma Ética?”⁵. Boa pergunta. Mas esta “Ética” nunca veio. O fato é que Heidegger nunca pretendeu um estudo sobre ética. Contudo, diremos que, em *Ser e tempo*, podemos encontrar uma “teoria do existir humano” que pode ser lida como uma “ética do existir humano”. Partindo de sua analítica existencial, Heidegger pergunta pelo modo de ser de todos os entes e de um em es-

¹ Cf. LIMA VAZ, H. C. no seu prefácio aos *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 7 e 8.

² RUSS, Jacqueline. *Pensamento Ético Contemporâneo*. Trad. Constança Marcondes Cesar. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1999. p. 5 e 6.

³ LOPARIC, Zeljko. *Ética e Finitude*. São Paulo: EDUC, 1995. p. 10.

⁴ Cf. LOPARIC. *Z. op. cit.* p. 9.

⁵ HEIDEGGER, Martin. *Sobre o Humanismo*. Tradução e Notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores). p. 367.

pecial, o homem. Interroga sobre o modo de o homem estar no mundo, o modo como ele se relaciona, comporta-se, conhece.

Esse livro se propõe, portanto, a investigar em que medida uma *ética originária* pode ser encontrada em *Ser e tempo*⁶. Veremos que a perspectiva ética que podemos encontrar no pensamento de Heidegger é rigorosamente diferenciada de toda preocupação antropológico-metafísica. Não é, de jeito algum, mais um “estudo sobre” o homem a ser objetivado cientificamente. A ética sobre a qual falaremos em nosso trabalho, também nada tem a ver com aquele “domínio suficiente” universalmente reconhecido, que estabelece critérios racionais e morais para o agir e para o pensar, portanto está longe da noção comum da reflexão ética infinitista a respeito dos valores, da natureza, da boa vida, dos princípios de juízo e da derivação dos imperativos morais⁷. Numa palavra, está longe de uma normatização da conduta humana, resumida em saber o que se deve fazer, o que se deve ser, ou o que se pode, enfim, esperar da vida, visto ser esta uma ética solidamente baseada numa visão ôntico-metafísica do homem.

Nesse sentido, a nossa pesquisa distribuir-se-á em três capítulos:

No Primeiro, veremos, no essencial, as críticas que Heidegger, em *Ser e tempo*, dirige à metafísica tradicional que, ao se preocupar com o ente enquanto ente, esquece o sentido do ser e, não levantando adequadamente a questão do ser, deixa também de levantar a questão de *como a essência do homem pertence à verdade do ser*⁸. Assim, num sentido preciso, é por aqui, pela história do esquecimento do ser, como uma história que diz respeito à nossa existência, que devemos

⁶ Um levantamento bibliográfico detalhado de publicações sobre a temática da ética heideggeriana, em vários idiomas, foi realizado por Zeljko Loparic em *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*. v. 1. n. 2, 1999, p. 447- 455. Além de Loparic com *Ética e Finitude* (São Paulo: EDUC, 1995), outros autores apontam o viés ético na obra de Heidegger. Dentre eles, destacamos: SCHÜRMAN, Reiner; MILET, Jean-Philippe; PANIS, Daniel; FOLTZ, Bruce; OSONGO-LUCADI, Antoine-Dover; HODGE, Joanna; DUPOND, Pascal. (ver dados completos na Referência Bibliográfica).

⁷ Cf. HODGE, Joanna. *Heidegger e a Ética*. Trad. Gonçalo Couceiro Feio. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 43.

⁸ Cf. HEIDEGGER, M. *op. cit.* . p. 352.

começar a nossa reflexão, se quisermos considerar qualquer questão sobre o modo de ser do *Dasein* e uma ética consequente. Iniciaremos, pois, examinando o horizonte em torno da pergunta pelo ser posta por Heidegger na primeira e na segunda fase de seu pensamento, para então investigar se há lugar e qual o lugar possível para uma ética na repositão heideggeriana da questão do ser.

No segundo capítulo, analisaremos como a “desconstrução” heideggeriana do princípio de fundamento, efetuada em *Sobre a Essência do Fundamento (Vom Wesen des Grundes)*, 1929), ofereceu-nos a possibilidade de vislumbrar uma nova ética, sedimentada no chão da finitude humana. “Desconstruindo” as tradicionais noções de verdade e liberdade, Heidegger mostra que o existir humano, o ser-aí, como ele o chama, não pode consistir em efeitos de causas primeiras, não pode ser resultado de um “agir causal” porque possui como único *fundamento* o fato de ser um ente implicado com suas *possibilidades mundanas*. Como projeto-lançado, o ser-aí é um *fundamento nulo*, porque é marcado pelo modo finito de existir que lhe é constitutivo: a possibilidade de não-mais-estar-aí⁹ que o remete ao não-ser, à sua nadaidade pela qual é responsável¹⁰.

No terceiro capítulo, empreenderemos uma reflexão em torno do existir humano na analítica existencial. Veremos, num primeiro momento, a dimensão originária de uma ética que pode ser encontrada em *Ser e tempo*: trata-se de uma “interpretação ontológica” da existência, ancorada no âmbito da finitude do ser-aí e do próprio ser. Em seguida, passaremos a mostrar como, do ponto de vista da hermenêutica do ser-aí, os principais “deveres” do homem consistem em “estar aberto” ao seu “ter-que-ser” como modo de ser mais originário do que qualquer “imperativo moral” a cumprir; um “ter-que-ser” em que está a “exigência ética” de *cuidar* de seu ser.

⁹ Cf. HEIDEGGER, M. *Être et Temps*. Traduit de l'allemand par François Vezin. Paris: Gallimard, 1999, p. 342.

¹⁰ Loparic faz ver que “com *Ser e tempo*, pela primeira vez na história da filosofia ocidental, o pensamento do não-ser e do não-agir passa a determinar o horizonte do pensamento do ser e do agir” e isso é fundamental para compreendermos a concepção heideggeriana do existir humano. Cf. LOPARIC, Z. *Ética e Finitude*. p. 18.

Consideraremos, nessa última fase de nossa pesquisa, que a ética da analítica existencial é *uma ética do habitar no mundo-proje-to*, uma ética do *abrir-se ao encontro*¹¹. Dito de outra forma, não se tem que “obedecer a leis morais”, mas atender a um chamado do ser para assumir o seu poder-ser, para “querer-ter-consciência da culpa”, o que significa estar aberto à compreensão de seu *ser e estar em débito mais próprio*, tendo *cuidado* com o seu ser, *antecipando-se* à morte.

A fim de explicitar como “acontece” esse modo originário do existir humano, precisaremos nos aprofundar na análise das estruturas existenciais do ser-aí que, diretamente, estão relacionadas a uma possível ética heideggeriana, como é o caso das noções de “consciência”, de “culpa”, de “responsabilidade”, de temporalidade, dos conceitos de *cuidado* (*Sorge*), *preocupação* (*Fuersorge*), *ocupação*, (*Besorgen*), *ser-com* (*Mitsein*), etc., visto que, sendo cada um deles uma determinação ontológico-existencial do homem, dizem respeito ao reconhecimento de que *ser-aí-no-mundo* é estar implicado em relações com outros seres humanos, envolvido com as coisas intramundanas, e que essas relações não se dão de qualquer jeito, não são objeto de escolha arbitrária, mas dizem respeito, sobretudo, à responsabilidade para com o sentido do ser.

¹¹ *Id. ibid.* p. 59.

